

# Modernidade e Pastoral Urbana

## Um Depoimento Teórico e Pessoal

Evaldo L. Pauly

### Introdução

O neoliberalismo é a defesa ideológica da regulação da sociedade pelo livre mercado e não pelo Estado como na democracia liberal clássica. Menos Estado e mais mercado, é sua bandeira de luta. Diz que o livre mercado garante a estabilidade social, assim como o livre-arbítrio garante a estabilidade do sujeito da fé. Sou luterano, por isso não acredito em livre-arbítrio ou livre mercado. Para a América Latina é mais saudável essa política de *big market* do FMI do que a política *big stick* de Roosevelt. Apesar de maior liberdade política, o neoliberalismo produz a recessão econômica: a morte em vida de 32 milhões de miseráveis no Brasil. Modernidade, portanto, é uma questão política, é a disputa pela hegemonia social travada entre classes sociais organizadas. Pastoral urbana é moderna quando se insere de forma criativa e específica nessa disputa.

### 1. Definição de Modernidade

Tudo é possível ao que crê no mercado — até mesmo uma interpretação lucrativa da ética contra a tradicional interpretação da teologia da graça. A Editora Makron Books apresenta o seu livro *Ética nas Empresas; Boas Intenções à Parte*, de Laura Nasch, com as seguintes palavras:

A Ética nas empresas como fator de uniformização de atividades e, conseqüentemente, crescimento de produtividade interna. Quando as pessoas dentro de uma empresa passam a agir de maneira ética, igual e constante, a produtividade cresce.<sup>1</sup>

O livro *Gerenciando Pessoas; o Passo Decisivo para a Administração Participativa*, de Chiavenato, fala da conscientização do operário moderno.

As empresas somente serão competitivas se as pessoas que nelas trabalharem estiverem conscientes disso. Isso é resultado do investimento no fator humano. É urgente a mudança de mentalidade dos gerentes. O seu papel agora é transformar pessoas em agentes de competitividade empresarial.<sup>2</sup>

Este autor mostra que, entre os países recentemente industrializados, o Brasil ocupa o penúltimo lugar em padrões administrativos. O país ainda não ingressou

na modernidade. Mesmo que houvesse recurso para os investimentos necessários, faltaria o “investimento em pessoas. Sobre tudo em administração de pessoas”. Nosso problema está no nível da gerência, pois os gerentes brasileiros estão “totalmente despreparados para lidar com recursos vivos e inteligentes”<sup>3</sup>.

## 1.1. Definição de Modernidade Social

A práxis da modernidade é reivindicada pelos gestores da sociedade<sup>4</sup> com absoluta materialidade. Por exemplo: o maior problema político da administração popular do PT em Porto Alegre é resolver a equação custo/benefício. Como retornar ao povo da cidade o investimento público da forma mais racional possível? Em torno desta questão acontece a mobilização popular do Orçamento Participativo, uma democratização do poder executivo pouco comum na democracia brasileira. Participação é algo inerente à modernidade. Nos Estados Unidos o povo do município elege e demite deputado, xerife e juiz. Controla o Poder Judiciário municipal. No Brasil, nesse nível de poder, experimentamos apenas os Conselhos Tutelares. No final da década de 60, a prefeitura de Nova Iorque realizou uma extraordinária mobilização popular para decidir sobre a urbanização do porto, utilizando TV e telefone.

O modo de produção capitalista é irracional. Os neoliberais sustentam que, para racionalizá-lo, basta enxugar o Estado e aumentar os mecanismos reguladores do próprio mercado. Os marxistas defendem que o Estado — sob o governo dos trabalhadores — racionalizará a produção. As propostas da social-democracia tendem a gravitar em torno destes dois pólos. O acirramento da disputa política da sociedade moderna é a reflexão sobre a práxis, ou seja, sobre a transformação da natureza (o trabalho). A teologia da libertação coloca a práxis, a realidade do trabalho, no centro da pastoral. É uma teologia moderna porque pensa a sociedade a partir do trabalho<sup>5</sup>.

## 1.2. Luteranidade e Pastoral Urbana

Sustento a tese de que a luteranidade é uma identidade moderna baseada na eclesiologia materialista e democrática que reaparece na Europa, a partir da Reforma. Quase tudo da ética de Lutero é medieval: seu combate à usura com a defesa de preços justos<sup>6</sup>. Há, no entanto, outros elementos de sua ética que são modernos: a condenação dos camponeses da Suábia por fazerem reivindicações baseados no direito feudal e na Bíblia, quando deveriam fazê-lo a partir da sociedade real. Sua visão de casamento é moderna: destina-se ao amor e ao prazer. Sua antropologia no *De Servo Arbitrio* é próxima da freudiana. Para a eclesiologia luterana, Igreja é instituição humana submetida a pessoas reais, seja o governo democrático da assembleia popular de Leisnig, seja o governo dos príncipes depois de 1525. Essa eclesiologia é moderna desde a democracia popular de Leisnig até a tese do *cujus regio, ejus religio*<sup>7</sup>.

Se Lutero, como pretendem alguns teólogos, na juventude foi revolucionário e na velhice foi reacionário, isso vale um belo saco de vermes. Interessa para a modernidade o seu método dialético de fazer teologia. Dialética é o que interessa, o resto não tem pressa... e nem ética.

Para Comblin<sup>8</sup> “o desafio principal” da modernidade é “a presença da igreja no mundo”. Seria este o tema da esquerda católica. A “organização da igreja” é o da direita. Para Comblin Igreja é uma coisa e mundo é outra coisa, o que consiste num idealismo. Não consigo suportar essa idéia de Igreja! Se a Igreja não é deste mundo, de qual ela é? Para a eclesiologia evangélica não existe um mundo divino e gracioso e outro humano e pecaminoso. Há um só mundo divino e humano, cheio de pecado e graça simultaneamente. A Igreja só pode apresentar-se dentro deste mundo e não de outro<sup>9</sup>. Como pensar a presença da Igreja no mundo moderno sem pensar na própria organização da Igreja? Organiza-se a Igreja para outra coisa senão para apresentar-se ao mundo real do qual ela é parte?

O desafio libertador da modernidade é constatar a democracia do mundo dentro da organização eclesiástica como graça divina! Pastoral urbana é a que constrói uma estrutura eclesiástica submetida ao desejo dos fiéis, isto é, democrática.

Democracia significa a organização permanente e sempre insuficiente do caos da vida para enfrentar o nirvana da morte. Usando a alegoria mitológica que está no centro da concepção antropológica da psicanálise: a *Tödestrieb* e a *Lebenstrieb*, as pulsões de morte e de vida, em permanente oposição dialética na existência do sujeito e da sociedade.

### 1.2.1. Crítica Moderna à Moderna Eclesiologia Católica

O Vaticano não reconhece a democracia e a pluralidade da verdade revelada. “A liberdade não é liberdade de fazer não importa o quê; ela é liberdade para o Bem, o único em que reside a Felicidade. (...) A libertação em vista de um conhecimento da verdade que — única — dirige a vontade é a condição necessária para uma liberdade digna desse nome.”<sup>10</sup> Essas únicas verdade e liberdade são posse da Igreja única. A Igreja responde “à inquietude do homem (...) desejoso de liberdade. (...) O Senhor Jesus confiou-lhe [sc. à Igreja] a palavra da verdade.”<sup>11</sup> Até as democráticas CEBs brasileiras serão Igreja se e somente se, entre outras condições, mantiverem “fidelidade ao ensinamento do magistério, à ordem hierárquica da Igreja e à vida sacramental”<sup>12</sup>. A Igreja é uma coisa inexplicável, inefável, invisível. Diz o papa João Paulo II que a “Igreja é, antes de tudo, um mistério (...) Por isso, não pode ser definida e interpretada a partir de categorias puramente racionais (sócio-políticas ou outras).”<sup>13</sup>

Para a eclesiologia moderna, Igreja é uma instituição humana que se define por categorias sócio-políticas ou outras. A pastoral urbana busca submeter a Igreja à vanguarda democrática de determinada formação social. O romantismo idealizou um Lutero todo-poderoso, capaz de entregar a Igreja de mão beijada

aos príncipes. Na realidade, esse poder Lutero não teve. Pelo contrário, os príncipes foram capazes de conquistar a Igreja, uma das instituições daquela formação social<sup>14</sup>. Claro que esses teólogos gostariam que Lutero tivesse tamanho poder. Talvez assim seja mais fácil alimentar a sua ilusão de que possuem poder e bondade suficiente para entregar a Igreja aos pobres, opção preferencial de Deus. Acho isso uma pretensão dissimulada e esnobe.

Lutero pertence à tradição da teologia de Paulo. As comunidades paulinas urbanas garantiram a sobrevivência do cristianismo, transformando-o de seita judaica em cultura de setores da vanguarda popular e da classe média urbana no Ocidente. As comunidades paulinas sobreviveram porque souberam realizar uma fabulosa transição sócio-cultural libertária na própria transição do modo de produção escravagista para o feudal<sup>15</sup>.

Mais tarde, os burgos luteranos recuperaram essa dialética paulina para realizarem mais uma transição sócio-cultural na Europa Central. As comunidades luteranas transformaram o cristianismo, capacitando-o para a transição da sociedade medieval para a moderna, uma transição milenar ainda em curso<sup>16</sup>.

## 2. Fé e Modernidade

Na fé não há racionalidade ou irracionalidade. A fé, portanto, escapa à modernidade. Mas a teologia luterana não escapa. Teologia é pensar dentro dos parâmetros humanos da racionalidade e subjetividade sobre a revelação e a práxis da Igreja. Vale a pena perder o idealismo político do *romantismo alemão* no nosso jeito de fazer teologia<sup>17</sup>. Hoje a teologia depende das ciências, que, na sua natureza moderna, são materialistas<sup>18</sup>. A eclesiologia luterana propõe a submissão das pessoas que tenham a fé evangélico-luterana — e nunca da própria fé — ao mundo no qual vivem de fato e de direito.

Modernidade é fruto da realidade sócio-cultural criada pela burguesia e pelo proletariado. Sem burguesia não há proletariado e vice-versa. A modernidade nasce dessa dialética. Do mesmo modo, sabemos-nos filhos da dialética entre pecado, tempo, desejo, falta, fraqueza, pluralidade e relatividade das pessoas com a santidade, eternidade, imutabilidade, plenitude, todo-poder do único Deus absoluto. Uma coisa implica a outra. Dialética é a marca da luteranidade<sup>19</sup>.

## 3. A Crise da Eclesiologia Luterana na Cidade Democrática

Tecnologia não é apenas uma forma de conhecimento aplicado. O conceito que adotamos para tecnologia em geral é do arquiteto Julio Katinsky, professor da USP: “Entenda-se por tecnologia a investigação racional e sistemática na obtenção de bens, com vistas à sua inserção em condições competitivas no

mercado.”<sup>20</sup> O mercado é central para a opção tecnológica. A tecnologia “tem vínculos diretos (...) com a economia política”<sup>21</sup>. É assunto da cidadania, não só de cientistas. É necessário trazer para o debate tecnológico o critério democrático. Pois

de um ponto de vista social global — o ponto de vista dos interesses dos assalariados e da grande maioria da população — é o potencial libertador da ciência e da tecnologia que proporciona um sentido progressista a cada “Grande Salto” nesse setor. Assim se desenvolve uma nova e aguda contradição social entre, de um lado, o crescimento cumulativo da ciência, a necessidade social de dominá-la e disseminá-la ao máximo e a crescente necessidade individual de capacitação na ciência e na tecnologia contemporâneas; e, de outro lado, a tendência inerente ao capitalismo tardio de tornar a ciência uma prisioneira de suas transações de lucro e de suas estimativas de lucro.<sup>22</sup>

A pastoral resiste em ter o mercado como um dos critérios para opções políticas. As leis de mercado têm uma moralidade incompatível com a moral eclesial tradicional<sup>23</sup>. No entanto, negar moralmente as leis de mercado equivale a desarmar ideologicamente a maioria da população diante da investida política do neoliberalismo. Há uma ética no mercado que deve ser resgatada pelas maiorias<sup>24</sup>.

### **3.1. A Crise da Tecnologia na Pastoral**

O conflito da tecnologia com a pastoral surge porque a tecnologia, muitas vezes, atribui-se a si mesma funções teológicas. Dois físicos brasileiros afirmam:

A ciência passa a ter um poder quase mágico (a adoração aos satélites, viagens espaciais, brinquedos eletrônicos, etc.), um poder religioso, aliás promovido pelos próprios liberais do século XVIII e revolucionários franceses de 1789: a ciência (a razão) é a nova religião, os cientistas seus novos sacerdotes.<sup>25</sup>

A tecnologia invade a pastoral. Essa invasão cria a moderna luta antiidolátrica de velha tradição profética, um combate contra ídolos que destroem a liberdade a partir da exploração e da fetichização do trabalho humano<sup>26</sup>.

#### *3.1.1. A Crise do Tempo e do Espaço na Pastoral Urbana*

O avanço tecnológico arrasta a Igreja para um novo e próximo conflito religioso. O cristianismo ocidental sustenta-se de duas dimensões: tempo e espaço. Há um tempo sagrado, marcado pela liturgia dominical e pelas festas. Há um espaço sagrado, demarcado pelas paredes dos templos. Espaço e tempo são as dimensões mais atingidas pelo desenvolvimento tecnológico:

Não podemos ignorar o papel que desempenham as novas tecnologias de informática e comunicação em nosso dia-a-dia. Superam-se, com grande rapidez, limitações impostas pelo tempo e pelo espaço, rompendo conceitos e hábitos que relacionam os homens entre si e com seu meio ambiente. A presença física, o contato direto tende a ser substituído por sistemas de som e imagem, transformando

tendências de deslocamento e de organização da vida cotidiana. Ainda que essa realidade não seja acessível a todos (...) não deixa de ser uma perspectiva que baliza e afeta, de algum modo, a vida de cada um e do conjunto da sociedade.<sup>27</sup>

### 3.1.2. *A Crise dos Paradigmas na Pastoral Urbana*

Na década de 60 alguns teólogos latino-americanos passaram a fazer análises sociológicas e de conjuntura como se isso fosse teologia. Não basta apenas desenvolver uma espécie de *software* “*basic*” do marxismo para que a crítica teológica seja contextual<sup>28</sup>. A pastoral não precisa importar os dogmatismos da sociologia urbana marxista da escola francesa, onde ocorrem “tendências a abandonar a reflexão baseada na investigação empírica por exercícios especulativos de engenharia política ou de filosofia social, nos quais a preocupação em analisar aquilo que é passa a ser substituída pela preocupação com aquilo que ‘deve ser’.”<sup>29</sup>

A pastoral não sabe como “analisar aquilo que é”, isto é competência profissional dos especialistas, a quem o clero chama de leigos. A base da pastoral luterana é o trabalho analítico do leigo. Os ditos leigos são as pessoas que criam as bases econômicas e também teóricas da teologia luterana. O clero chega sempre depois dos leigos. Só assim o método indutivo típico da moral luterana ganha modernidade. A partir do mais próximo possível daquilo que é — a encarnação de Deus tem a ver com isso —, busca-se superar aquilo que é, a partir mesmo do que é. É preciso abandonar a doce ilusão dos paradigmas!

### 3.1.3. *A Crise do Modelo Paroquial e a Crise da Moradia*

A paróquia luterana urbana estrutura-se a partir da idéia de que existam grupos de vizinhança na cidade. Imagina-se que os vizinhos estabeleçam entre si relações de amizade, de apoio mútuo que facilitariam a implantação de uma paróquia. A cidade de hoje se estrutura como um espaço sócio-cultural que circula pela sociedade. A idéia dos grupos de vizinhança do funcionalismo permanece restrita à experiência urbana norte-americana do início do século. Uma tentativa de superar essa concepção está sendo feita pela Região Eclesiástica IV com a chamada “nova vizinhança”. Importa para a pastoral a visão do conjunto da cidade, não do grupo restrito (Relatório do pastor regional Arzemiro Hoffmann ao XIII Concílio Regional).

A classe rica da cidade possui automóvel e telefone; portanto, suas relações se dão num espaço sócio-cultural que independe de limites físicos. A classe média depende do sistema de transporte coletivo e estrutura suas relações a partir desse sistema. A grande massa dos pobres vive em constante migração dentro do circuito periférico da cidade. A estrutura social básica que determina a forma da paróquia tradicional é a moradia. O lar da família urbana é um lar que circula

pelos espaços sócio-culturais da cidade. Isso exige uma mobilidade na pastoral que o sistema paroquial tradicional não tem.

Não aceito a idéia de que o modelo paroquial tradicional esteja falido. Falidas estão as pastorais alternativas. A crise não é da estrutura paroquial tradicional, mas do modelo ideológico de cidade que dá suporte à pastoral. Suspeito que seja o modelo do romantismo alemão. As paróquias tradicionais não estão falidas! Elas, inclusive, estão crescendo. Veja-se onde estão surgindo novos pastorados!

### *3.1.4. A Crise na Formação Teológica para a Pastoral Urbana*

Na Escola Superior de Teologia (EST) aprendi a lutar contra as ilusões religiosas do povo da Igreja. Aprendi a usar a revelação divina e a autoridade eclesiástica para legitimar minha posição teológica. Na cidade tenho que me submeter ao controle, cada dia mais empresarial, dos presbitérios urbanos. Preciso aprender a comportar-me como assalariado. Preciso conquistar as pessoas de tal forma que elas sintam-se como tendo conquistado a mim. Na EST a gente pensa que as pessoas têm obrigação de pagar a Igreja para fugir do inferno, ou por compromisso político, ou para manter-se integradas na vizinhança. Pouca coisa disso existe na cidade. As pessoas pagam porque gostam da sua Igreja. Obtêm prazer nesse pagamento. Elas não dizem isso porque imaginam que os pastores não gostem dessa mundanidade leiga.

A conquista do espaço sócio-cultural requer outra formação acadêmica: efetivar o sacerdócio dos leigos, assumir nossa doutrina do Batismo. Exige a laicização da pastoral. Por exemplo: casais leigos com boa formação teológica farão uma eficiente pastoral de casais, sindicalistas, estudantes, etc... Além disso, muito breve a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) terá que laicizar os/as pastores/as. Isso implica uma formação muito diferente da atual, talvez semelhante à das diaconisas. O pastorado urbano tradicional custa caro para quem paga e vale pouco para quem recebe. Lembro que um gari em Porto Alegre recebe, hoje, o baixo salário de 787 UPMs.

A cidade dispensa as teologias de conteúdos genéricos e abrangentes da academia. A pastoral urbana precisa de versatilidade no método teológico, não de conceitos claros. Pastoral urbana inspira-se na pastoral do Mestre: pouca doutrina, muitas historinhas. Pouca liturgia, muitas caminhadas. Pouca lei, muitas festas. A pastoral urbana cria uma metodologia teológica que apreende do seu ambiente cultural e incorpora à teologia os aportes libertadores que tais ambientes produzem. É uma teologia capacitada para ouvir o outro e de devolver-lhe essa fala como fala teológica e democrática.

### 3.1.5. A Crise de Autoridade entre os/as Trabalhadores/as

Igreja não existe na pasmaceira dos igualizados. O conflito democrático é assim descrito por um prefeito petista: “Há um conflito de fundo, portanto, que opõe a defesa do princípio da liberdade econômica (menos Estado, mais mercado) à defesa do princípio da justiça social (cobrar de quem tem para garantir direitos a quem não tem.”<sup>30</sup> O conflito é a base da democracia. Pois “quanto mais diversos forem os interesses representados (...) mais inovadoras tenderão a ser as propostas de programas e projetos”. O problema não é o conflito, mas as dificuldades existem ao

estabelecer este tipo de participação: como o conceito pode ser aplicado, que recursos são necessários, como definir a legitimidade das representações, bem como o seu nível de responsabilidade, etc. Tudo isso sem falar que a participação é, de fato, um meio de reduzir diferenças de poder envolvendo pois delicadas questões no bojo do sistema político.<sup>31</sup>

Ao avaliar prováveis alianças políticas na gestão democrática da cidade, Cândido M. Campos Filho, secretário municipal de Planejamento da administração do prefeito Reynoldo de Barros, de São Paulo, conclui, otimista, que “as forças humanizadoras das cidades já são, hoje, potencialmente hegemônicas do ponto de vista político”<sup>32</sup>. A estratégia de ação dos grupos democráticos é fazer um trabalho político “duplo: fora do estado na organização crescente da sociedade civil e, dentro dele, na busca de novas forças organizacionais”<sup>33</sup>.

Tais opiniões demonstram a crise de direção política dos/as trabalhadores/as. Colaboram com essa crise de direção as “inclinações autoritárias da cultura política brasileira”<sup>34</sup>.

## 3.2. Por onde Reler a Teologia de Lutero

Como a questão cultural engloba a pastoral, é necessário investigar o autoritarismo dissimulado na “teologia da libertação luterana”. Aponto apenas seis dessas inclinações:

1ª: A inclinação autoritária da idolatria do deus *potente* em seu castigo e *im/potente* em sua misericórdia. O Deus verdadeiro é todo-poderoso, tem o poder do juízo e, pela cruz, o poder da misericórdia. O Deus todo-poderoso é libertário. O poder está e se revela na fraqueza (2 Co 13.4; 1 Co 13.9). Ao deusinho pai rancoroso que — pela sua *não-oni-potência* — dissemina a impotência entre o povo, o evangelho contrapõe a cruz.

2ª: A inclinação da ética luterana vem da cruz como reconciliação dos irreconciliáveis. À democrática mesa de negociação da cidade sentam-se sujeitos de interesses antagônicos que — dialeticamente — são reconciliados pela cruz; livres, portanto, para explicitarem — democraticamente — seus antagonismos políticos. Nada precisam camuflar, apenas disputar.

3ª: A inclinação do pobre luterano para reconciliar-se com a cidade que o

vitimiza. Se ele está convicto de que tem direito à cruz de Cristo, capacita-se para desmitologizar a autoridade. A justiça de Deus lhe é dada, a justiça dos homens será uma construção humana, historicamente determinada. Reconciliação é conciliar de novo, é negociar permanentemente.

4ª: O pobre *con-vertido* pela cruz de Cristo assume seus direitos e deveres como instrumentos de sua luta política. Na teologia da libertação se fala em direito do pobre como se fosse direito divino, esquece-se dos deveres democráticos que os pobres têm. Autocrítica é uma necessidade fundamental no processo democrático-popular. É a velha dialética entre lei e evangelho.

5ª: Uma inclinação autoritária da teologia popular é a idolatria da autoridade — um puxa-saquismo impressionante, ou então atribui-se ao governante a capacidade de resolver os problemas. Se não resolve é porque não quer. A função da espada é fazer a repressão necessária para a vida. O autoritarismo da cultura popular é proporcional à falta de autoridade ou à falta da função paterna, conforme os lacanianos. É significativo que o presidente cassado omita o nome paterno<sup>35</sup> — aliás, nome de um politiqueiro assassino.

6ª: A fala teológica do leigo precisa ser construída, articulada e rearticulada pela pastoral luterana. Assim e só assim teremos uma companheira à altura da boa teologia histórico-sistemática e bíblica da IECLB. Por onde sonham e que horizontes contemplam os bisnetos dos migrantes? Acho que são os horizontes das cidades e que o sonho é uma Igreja de pessoas desejosas de um Deus que seja amparo dos fracos<sup>36</sup>.

## 4. Conclusão

De que forma essa concepção eclesiológica, neste momento (setembro de 1993), incide sobre o meu trabalho pastoral? Aponto algumas coisas:

4.1. Acho que a Paróquia São Marcos deve manter-se acessível aos pobres. Por dois motivos: são eles os que mais pagam (proporcionalmente) à Igreja, bem como são eles os que mais necessitam do apoio solidário da Igreja de Jesus. O acesso do pobre à Igreja passa por quatro concepções administrativas:

4.1.1. Concepção financeira: o carnê em branco, ou seja, contribuição livre, proporcional à renda a partir dos pobres.

4.1.2. Concepção da documentação e secretaria: baseia-se também mais na palavra do pobre do que em papéis. Pobre não vem com transferência e certidões. Quando eles não possuem esses documentos, pede-se que assinem uma declaração de que são batizados, confirmados, etc... Eles sentem muito orgulho de ver sua palavra transformada em documento oficial da Igreja. Se for mentira, não fui eu o mentiroso!

4.1.3. Concepção descentralizadora: um plano de cultos incluindo quantas casas for possível. No domingo quem tem que andar é o pastor/a. Cultos por

motivos concretos (doenças, desemprego, gratidão, etc.) facilitam a participação leiga. É claro que a gente precisa descentralizar a paróquia para os bairros. O problema é quando a descentralização atinge também o caixa, pois isso inviabiliza a pastoral de periferia.

4.1.4. Concepção política para estabelecer convênios de assistência social com o poder público. Quem deve definir a necessidade é o poder público democrático. A comunidade deve oferecer seus recursos, especialmente os humanos (o voluntariado). A caridade se submete à política. Essa atitude administrativa politiza a caridade e a valoriza como prática evangélica.

4.2. Na São Marcos temos organizado o curso de padeiro, a cooperativa do pão e o projeto de prevenção comunitária da saúde mental no Morro da Cruz. A padaria envolve um convênio com a Fundação de Educação Social e Comunitária da Prefeitura de Porto Alegre (FESC). O projeto da prevenção é executado pela Paróquia sob a orientação do Conselho Popular do Morro da Cruz e, hoje, envolve a Escola Municipal Emília Araújo e o grupo ecológico Amigos da Terra.

4.3. É importante desenhar qual o novo papel do pastor. Sei que as pessoas da Paróquia transferem para mim parte dos seus desejos de terem autoridade, de serem bom exemplo, de estarem bem arrumadas, de serem boas conselheiras, etc... Isso é inevitável. Se rejeito essa transferência, perco gente que vai projetar em igrejas mais desonestas do que a nossa. Se a gente assume essa transferência, pode achar que tem algum valor extraordinário e faremos um pastorado doentio. Eu procuro equilibrar-me entre essas duas tendências. Uso o poder a mim transferido da forma mais democrática possível, participando de movimentos e eventos que envolvam representação democrática na cidade. Eu mesmo participo e convido paroquianos para irem comigo em reuniões do Orçamento Participativo. Dou os avisos dessas reuniões nos cultos dominicais. Assim, quem acha que o PT está bem deve ir lá defendê-lo, quem acha que o PT está errado tem o dever de ir lá denunciar. Ou então que se cale até a próxima reunião. Acho fundamental cobrar dos evangélicos a sua participação democrática. A direção da Comunidade Evangélica de Porto Alegre (CEPA) sente-se orgulhosa porque a representei, profissionalmente, no Foro Municipal da Assistência Social.

4.4. É preciso, com humildade e esperteza, auxiliar a sociedade na consolidação dos novos mecanismos de participação popular, criados pelos governos populares, especialmente no nível municipal. Hoje é uma bobagem política levar a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE) para uma sessão de estudos sobre o marxismo contemporâneo na Usina do Gasômetro. Será politicamente mais eficaz discutir e planejar com elas uma visita a um curso de costura com mulheres da Vila Divinéia. Não adianta chamar de demoníaca a sociedade de consumo. É mais eficaz incentivar que elas organizem uma coleta de lixo reciclável para os pacientes do Hospital São Pedro. Assim elas me dão legitimidade para pregar no domingo que é pecado não usar o caminhão da coleta seletiva de lixo. Que é corrupção deixar a Prefeitura gastar dinheiro para esse

caminhão passar na nossa casa sem nada recolher. Que é pecado da Prefeitura não estender esse serviço para toda a cidade, etc...

**4.5.** O paroquialismo não deixa a IECLB crescer. Os limites geográficos das paróquias não são e nem podem ser respeitados pelas pessoas da cidade. O trabalho pastoral, sim, poderia ser dividido por uma equipe de leigos e obreiros. Mas é exatamente isto que não se divide com facilidade. É mais fácil para o obreiro traçar uma linha num mapa do que arriscar-se a um trabalho novo e democratizado. Essa capacidade de dividir pelos limites e não pela necessidade ameaça a sobrevivência da Paróquia São Marcos, além de imobilizar a criatividade dos leigos nas atividades de sobrevivência institucional, impedindo a utilização dessa criatividade no crescimento missionário.

**4.6.** A burocracia na IECLB merece um estudo específico. A lei maior do burocratismo é a manutenção do burocrata no emprego até a aposentadoria com um mínimo de dispêndio energético libidinal. Combater o burocratismo, na gente e nos outros, é ampliar os mecanismos de controle democrático da Paróquia. É mostrar ao burocrata quem é seu patrão! Além disso, os trâmites burocráticos da IECLB podem ser simplificados e/ou eliminados em sua grande maioria. Modernizar a estrutura institucional da IECLB significa reduzir as atividades-meio, ampliando as atividades-fim, ampliando o trabalho direto com a assistência pastoral, diacônica, catequética, sócio-cultural, educacional das pessoas da comunidade local.

## Bibliografia

- ACUERDO fraternal acerca de la caja común de toda la asamblea parroquial de Leisnig. In: *Obras de Martin Lutero*. Buenos Aires, La Aurora, 1977. vol. 7. p. 118-35.
- ALBUQUERQUE, Marcos Cintra Cavalcanti de. Gastos sociais no Brasil: habitação e saneamento. Instituto de Planejamento Econômico e Social, Brasília, *Planejamento e políticas públicas*, 1(1):107-26.
- ANDA, Enrique V. & IGLESIAS, José R. *Pesquisa científica e desenvolvimento econômico na América Latina*. Porto Alegre, Editora da Universidade (UFRGS), 1982. 30 p. (Texto para discussão, 10).
- BARBOSA, Eva Machado. Estudos urbanos e crise dos paradigmas: a emergência de um campo de pesquisa interdisciplinar. In: OLIVEIRA, Naia & BARCELLOS, Tanya, orgs. *O Rio Grande do Sul urbano*. Porto Alegre, FEE, 1990. p. 230-62.
- BOFF, Clodovis. *Pastoral de classe média na perspectiva da libertação*. Petrópolis, Vozes, 1991. 35 p.
- BOFF, Leonardo. Carta aos companheiros e companheiras de caminhada e de esperança. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jun. 1992, Caderno 1, p. 14.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O "socialismo" da primeira cristandade; uma experiência e um desafio para hoje*. São Leopoldo, Sinodal, 1985. 59 p.
- CAMPOS FILHO, Cândido Malta. *Cidades brasileiras: seu controle ou o caos; o que os cidadãos devem fazer para a humanização das cidades no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1989. 143 p. (Cidade Aberta).
- CARRION, Otília Beatriz Kroeff & DEBIAGI, Moema Castro. Novas tecnologias e organização do espaço. In: OLIVEIRA, Naia & BARCELLOS, Tanya, orgs. *O Rio Grande do Sul urbano*. Porto Alegre, FEE, 1990, p. 214-29.

- COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. Trad. Célia Maria Leal. São Paulo, Paulinas, 1991. 304 p.
- . O cristianismo e o desafio da modernidade. In: VVAA. *América Latina: 500 anos de evangelização*. São Paulo, Paulinas, 1990. p. 205-74.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação*. Petrópolis, Vozes, 1986. (Documentos Pontifícios, 207).
- DANIEL, Celso. Relação mal resolvida. *Teoria & debate*; revista trimestral do Partido dos Trabalhadores, São Paulo, (14):18-25, abr.-jun. 1991.
- HADDAD, Paulo Roberto. O que fazer com o planejamento regional no Brasil da próxima década. Instituto de Planejamento Econômico e Social, Brasília, *Planejamento e políticas públicas*, 1(1):67-91
- HOFF, Victor. *Do Reno ao Guaíba*; notas sobre o imigrante alemão Johann Adam Hoff — ascendência e descendência. Porto Alegre, Grafosul, 1990. 178 p.
- KATINSKY, Julio. Técnica, tecnologia e educação em países subdesenvolvidos. In: MASCARÓ, Lucia, coord. *Tecnologia & arquitetura*. p. 61-86.
- LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo, Cortez. Autores Associados, 1991. 120 p. (Polêmicas do nosso tempo, 39).
- LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993. 98 p.
- LUTERO, Martinho. Fundamento e motivação da Escritura para o direito e a autoridade de uma assembléia ou comunidade cristã julgar sobre toda doutrina, chamar, nomear e demitir professores. In: —. *Pelo evangelho de Cristo*; obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Porto Alegre, Concórdia; São Leopoldo, Sinodal, 1984. p. 193-202
- MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. Trad. Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. 2. ed. São Paulo, Nova Cultural, 1985. 416 p. (Os economistas).
- MASCARÓ, Juan Luis. *Desenho urbano e custos de urbanização*. Brasília, Ministério da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, Secretaria de Ação Municipal, 1987. 192 p.
- . *Infra-estrutura habitacional alternativa*. Porto Alegre, Sagra, 1991. 223 p.
- MORAES, José Carlos de. Movimento Comunitário, UAMPA e articulações regionais. In: Secretaria Comunitária do PT de Porto Alegre, *1º encontro — abril/90*; subsídio ao debate. (mimeografado). p. 21-4.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & CARDOSO, Adauto Lucio. Plano Diretor e gestão democrática da cidade. In: GRAZIA, Grazia de, org. *Plano Diretor*; instrumento de reforma urbana. Rio de Janeiro, FASE, 1990. p. 70-88.
- SALINAS, Samuel Sérgio. *Do feudalismo ao capitalismo: transições*. 4. ed. São Paulo. Atual, 1988. 64 p. (Discutindo a História).
- SANTA ANA, Júlio de. Teologia e modernidade. In: VVAA. *América Latina: 500 anos de evangelização*. São Paulo, Paulinas, 1990. p. 174-204.
- SCHWARZ, Roberto. A crise na visão de Robert Kurz. In: AZAMBUJA, Celso Candido de. *A experiência do século*. Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura; Porto Alegre, Palmarina, 1992. p. 59-62.
- STEIN, Ermildo & BONI, Luís A. de, orgs. *Dialética e liberdade*. Porto Alegre, Editora da Universidade; Petrópolis, Vozes, 1993. 636 p.
- STORNILO, Ivo. Da “sobra” nasce a idolatria. *Vida pastoral*, São Paulo, Paulinas, 33(164):2-8, mai.-jun. 1992.
- VELLOSO, João Paulo dos Reis. A dimensão social da estratégia: crescimento com redistribuição e reformas. Instituto de Planejamento Econômico e Social, Brasília, *Planejamento e políticas públicas*, 1(1):57-66.

## Notas

- 1 *Makron Books informa*, nº 1, março de 1993, p. 24.
- 2 *Ibid.* p. 25.
- 3 *Ibid.* p. 36-7.
- 4 Sejam eles a burguesia, a pequena burguesia e o proletariado, ou as diversas combinações que essas classes estabelecerem entre si.
- 5 Julio de SANTA ANA, *Teologia e modernidade*, p. 198.
- 6 Samuel S. SALINAS, *Do feudalismo ao capitalismo: transições*, p. 21: “Os obstáculos criados por essa ideologia [sc. religiosa feudal] propunham preservar o feudalismo, dentre eles a doutrina do justo preço, a condenação da usura etc.”
- 7 Ap. Julio de SANTA ANA, *op. cit.*, p. 192.
- 8 José COMBLIN, *O cristianismo e o desafio da modernidade*, p. 205.
- 9 Veja-se a interessante distinção feita por Jesus na tradição joanina (Jo 8.23): “Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou.” Na palavra de Jesus, a comunidade joanina faz a distinção: entre mundo cá de baixo e mundo lá de cima. Coloca os fariseus no mundo cá de baixo, mas *não* coloca Jesus no lá de cima, a não ser pelo paralelismo. Aqui o não-dito é mais veemente do que o dito. A concepção dualista de mundo em João não permite inferir a existência de dois mundos paralelos e antagônicos. Há um único mundo material e real no qual a dualidade se realiza: o bem e o mal aqui estão como modos de existência de dois mundos situados num único mundo. Diz cá de baixo e lá de cima quem já se sabe situado no de cá! Viver no mundo sem ser do mundo ficou sendo a fórmula clássica. Mantendo o vínculo com a realidade social, mas constituindo uma outra realidade dentro desta: a realidade dos filhos da luz, a comunidade no meio do reino das trevas. Esta posição teológica “esquizofrênica” é extremamente criativa e libertadora.
- 10 CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação*, § 26.
- 11 *ID.*, *ibid.*, § 61.
- 12 *Ibid.*, § 69.
- 13 Carta de João Paulo II à CNBB de 9.4.86 sobre a missão da Igreja e a teologia da libertação, in: *ibid.*, p. 81-96.
- 14 Veja a reinterpretação das teses marxistas clássicas sobre a Reforma empreendida por Michael LÖWY.
- 15 Veja o livro de Wayne A. MEEKS, *Os primeiros cristãos urbanos*; o mundo social do apóstolo Paulo, São Paulo, Paulinas, 1992 (Bíblia e sociologia).
- 16 Veja a assembléia democrática de Leisnig e o texto de LUTERO de 1523: *Fundamento e motivação...*, e também o texto da assembléia de Leisnig: *Acuerto...*
- 17 Veja Michael LÖWY, & Robert SAYRE, *Romantismo e política*.
- 18 José COMBLIN, *op. cit.*, p. 220: “A ética científica constitui-se de rigor de pensamento, de humildade diante dos fatos observados, da submissão aos fatos exteriores independentemente das emoções e dos desejos. (...) Ela consiste na simpatia profunda entre o homem e a matéria. Supõe profundo respeito pela realidade material.” Veja também o curioso artigo de Anna Carolina Krebs Pereira REGNER, *Darwin e a natureza — o olhar metafísico na pergunta da ciência*, in: Ernildo STEIN & Luís A. de BONI, orgs., *Dialética e liberdade*, p. 26-46.
- 19 Veja o artigo de Luís A. de BONI, *O tornar-se homem de Deus; o significado da cristologia no pensamento de Hegel*, in: Ernildo STEIN & Luís A. de BONI, orgs., *op. cit.*, p. 327-38: “(...) em Jesus, Deus deixa de ser um Deus estranho, e o sobrenatural passa a ser encontrado no

- intranatural. 'Esta união do infinito é, porém, um santo mistério, porque este conjunto é a própria vida' (N 309s) (164), mas *sola fide* podemos compreendê-la em sua unidade, pois a reflexão distingue, separa, enquanto o amor une." (P. 329.)
- 20 Julio KATINSKY, Técnica, tecnologia e educação em países subdesenvolvidos, p. 82. No mesmo sentido Ernest MANDEL, *O capitalismo tardio*, p. 182: "A atividade científica só é uma força produtiva se for imediatamente incorporada à produção material. No modo de produção capitalista isso significa: se fluir para a produção de mercadorias. Se isso não ocorrer (...) permanecerá apenas como força potencial, e não força real de produção."
  - 21 Julio KATINSKY, op. cit., p. 82. Da mesma forma afirmam os pesquisadores Enrique V. ANDA & José R. IGLESIAS, *Pesquisa científica e desenvolvimento econômico na América Latina*, p. 19: as "atividades de pesquisa estão determinadas por condicionamentos políticos, econômicos e ideológicos".
  - 22 Ernest MANDEL, op. cit., p. 185.
  - 23 Assim o papa João Paulo II aprova as palavras do cardeal Joseph Ratzinger, da CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, op. cit., p. 58: "O ensinamento social da Igreja nasce do encontro da mensagem evangélica e de suas exigências, resumidas no mandamento do amor, com os problemas que emanam da sociedade. (...) sempre para julgá-los do ponto de vista da moral." Não tão moralista, sem a arrogância de pretender julgar, e politicamente mais realista, é a proposta do pastor presidente da IECLB, Gottfried BRAKEMEIER, *O "socialismo" da primeira cristandade*, p. 50: "(...) um sistema a ser chamado de socialismo liberal ou capitalismo social". Essa proposta está carregada de idealismo moral porque esses modelos políticos não existem e, ao mesmo tempo, estão em quase todos os programas dos partidos políticos: sem os erros do socialismo, mas com seus acertos; sem os erros do capitalismo, mas com seus acertos. A doutrina social da Igreja não sairá do campo da doutrina enquanto não enfrentar com profundo realismo os conflitos sociais.
  - 24 Roberto SCHWARZ, A crise na visão de Robert Kurz: "A competição econômica força as empresas a buscarem a eficácia, revolucionando o trabalho, a técnica, os produtos, que adiante voltam a competir e a ser revolucionados, e assim por diante" (p. 59), de modo que a "concorrência no mercado mundial torna obrigatório o novo padrão de produtividade, configurado pela combinação de ciência, tecnologia avançada e grandes investimentos" (p. 60).
  - 25 Enrique V. ANDA & José R. IGLESIAS, op. cit., p. 20.
  - 26 Veja o texto de Isaías 44,9-20. No sentido da prática antiidolátrica na pastoral de hoje veja o artigo de Ivo STORNILO, Da "sobra" nasce a idolatria.
  - 27 Otília B. K. CARRION e Moema C. DEBIAGI, Novas tecnologias e organização do espaço, p. 215.
  - 28 Eva M. BARBOSA, Estudos urbanos e crise dos paradigmas, p. 232: "(...) à capacidade do marxismo de operar, (...), na qualidade de um 'basic'; ou seja, como uma espécie de linguagem automática, de natureza formal e, portanto, vazia de conteúdo, que pode ser manejada praticamente por qualquer um, com mil e uma utilidades". Esse uso do marxismo como um *software* adquirido em qualquer revenda de informática impede que se use o marxismo com todo "o potencial que esse instrumental teórico ainda oferece à pesquisa urbana" (p. 237).
  - 29 ID., *ibid.*, p. 240.
  - 30 Celso DANIEL, *Relação mal resolvida*, p. 20.
  - 31 Paulo R. HADDAD, O que fazer com o planejamento regional no Brasil da próxima década, p. 88.
  - 32 Cândido M. CAMPOS FILHO, Cidades brasileiras: seu controle ou o caos, p. 132.
  - 33 ID., *ibid.*, p. 138.
  - 34 Celso DANIEL, op. cit., p. 21.
  - 35 Maiores informações nas dezenas de livros publicados sobre o assunto, ou uma resenha publicada muito adequadamente na revista *Playboy* de abril de 1993. Ainda sobre o autoritarismo, é

importante destacar a afirmação de Boff: “Com frequência fiz a seguinte reflexão que aqui repito. O que é erro na doutrina sobre a Trindade, não pode ser verdade na doutrina sobre a Igreja. Na Trindade se ensina que não pode haver hierarquia. Todo subordinacionismo é aí herético. (...) Mas da Igreja se diz que é essencialmente hierárquica. E que a divisão entre clérigos e leigos é de instituição divina.” Esse trecho faz parte da Carta aos companheiros e companheiras de caminhada e de esperança, na qual Leonardo BOFF pede seu afastamento da hierarquia, isto é, a redução de seu estado clerical ao de leigo.

- 36 Victor HOFF, *Do Reno ao Guaíba*, p. 74-6. No dia 8.10.1862, em Simmern, na região do Hunsrück, Johann Adam Hoff despediu-se de sua comunidade, abraçou o pastor Reuss e recebeu cópias dos registros eclesiásticos. Alguns dias depois, ao embarcar para o Brasil, recebeu uma canção composta por seus amigos:

“Teus olhos voltam-se para a terra distante  
De onde te acenam a felicidade e o bem-estar.  
Para lá olhas com receio e calma  
O que a esperança te trará:  
Porém para o céu debes olhar,  
Pois é ele o porto dos temerosos.  
Em Deus confia com firmeza;  
Ele é o amparo dos fracos!  
(...)  
Vai para terra distante,  
Vai com mulher e filhos,  
Que Deus te guie com Sua mão  
E te seja benévolo:  
Avante com Deus para o alvo distante,  
Confia Nele com firmeza!  
Ele é o Senhor que te ajudará,  
Portanto tenhas fé em Deus!

Evaldo Luis Pauly  
Rua São Miguel, 106  
91710-330 Porto Alegre — RS